

*Paula Abreu*

*Centro de Estudos Sociais/Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra*

### **Dos cenários de práticas culturais à geografia dos seus espaços**

Os estudos sobre consumos e práticas culturais que, nos últimos anos, têm vindo a ser realizados no nosso país desenham um conjunto de tendências pesadas que salientam a importância do consumo doméstico, o carácter restrito e socialmente selectivo das saídas culturais e a crescente relevância de um conjunto de práticas de saída dirigidas para espaços públicos. Três cenários principais onde se insinuam formas e actividades culturais distintas: a massificação introduzida pela cultura mediática faz-se sentir predominantemente no espaço doméstico, enquanto o universo das produções culturais mais especializadas, vanguardistas ou eruditas se associa a um conjunto de equipamentos e actividades cuja frequência depende de procuras de sentidos especificamente culturais; e as actividades associadas às indústrias do lazer e do entretenimento (e do turismo), cada vez mais próximas das actividades de novas e velhas indústrias culturais, povoam os espaços que são o destino preferencial das saídas lúdicas e conviviais das famílias e dos pequenos grupos de sociabilidade próxima.

No seu conjunto, os trabalhos realizados têm permitido avançar no conhecimento das formas de relação que os portugueses têm vindo a desenvolver com o universo dos bens culturais, identificando regularidades que são incontornáveis e dando conta dos principais factores que condicionam a estrutura das relações com a cultura. Qualificação escolar e profissional, idade, sexo ou área de residência são variáveis recorrentemente usadas para evidenciar os mecanismos de integração e de exclusão que traduzem a distribuição diferencial das competências culturais e simbólicas e reflectem as desigualdades económicas e sociais.

Algumas reflexões sobre estas tendências têm dado conta de um conjunto de interrogações que reflectem perplexidades não tanto perante o perfil dos actores sociais e das suas respectivas configurações de práticas, mas antes perante o significado dessas mesmas configurações e da sua relevância quer para a análise das esferas da produção cultural, quer para uma reflexão sobre as possibilidades de intervenção nestes domínios. Tivemos já a oportunidade de, em

---

<sup>1</sup> Os resultados que se apresentam são parte de dois projectos de investigação, desenvolvidos no Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia de Coimbra, com a colaboração da Faculdade de Economia do Porto, por uma equipa de investigação coordenada por Augusto Santos Silva e Carlos Fortuna e constituída por Helena Santos, Paula Abreu, Claudino Ferreira e Paulo Peixoto. Os referidos projectos — *A Sociedade Portuguesa Perante os Desafios da Globalização e Culturas Urbanas e Imagens das Cidades* — foram financiados, respectivamente, pelo programa PRAXIS XXI e pela JNICT/FCT e às Câmaras Municipais de Aveiro e Porto.

outros momentos e outros lugares, expor de forma sistemática algumas dessas questões, que não retomaremos agora em toda a sua extensão ou do mesmo modo.<sup>2</sup>

Aproveitando a possibilidade de apresentar alguns dados recentes (Santos e outros, 1999), relativos a um estudo sobre práticas e consumos culturais dos habitantes de cinco cidades portuguesas, é objectivo principal deste texto equacionar a análise de alguns dos resultados, na sua generalidade concordantes com as tendências gerais que têm vindo a ser enunciadas, a partir de uma perspectiva que interroga a importância dos contextos locais na constituição de procuras de lazer e culturais.

Embora tendo em consideração que as práticas e os consumos culturais não se reduzem a simples relações de oferta e procura de bens cujo valor transcende a noções de uso ou de troca, parece-nos ser importante considerar na sua análise as escalas e os contextos em que se organizam os mercados da cultura. A focalização sobre contextos socioespaciais específicos, neste caso urbanos, permite distinguir os consumos e as práticas que se organizam em torno de produções e indústrias culturais organizadas à escala nacional e distribuídas através de microequipamentos técnicos de utilização individual ou doméstica, dos consumos e das práticas que resultam de relações estabelecidas com produtores, equipamentos e actividades culturais implantados localmente.

Esta distinção ajuda a relativizar o impacto dos grandes números, que imediatamente nos obrigam a sublinhar a importância da massificação do consumo doméstico, e facilita a referência a variações nas actividades de saída (mais lúdicas e conviviais ou especificamente culturais) que se relacionam directamente com a estruturação dos ambientes culturais locais.

Deste ponto de vista, os espaços urbanos constituem unidades de observação particularmente relevantes para a análise dos consumos e das práticas culturais, pelo facto de polarizarem um conjunto de efeitos que tendem a favorecer a implantação das actividades mais inovadoras e especializadas, nomeadamente, as actividades de criação e produção cultural. Trata-se de efeitos diferenciados, uns de carácter mais estritamente económico, como os que resultam da aglomeração e da constituição de mercados que exigem limiares mínimos de oferta e de procura; e de processos associados à constituição de economias externas, resultantes da proximidade e da concentração de actividades múltiplas, indispensáveis às produções mais complexas, que requerem mais recursos, meios técnicos e tecnológicos, profissionais e conhecimentos... Outros são de natureza eminentemente social, associados à actual composição das populações urbanas (onde dominam os grupos sociais mais escolarizados e qualificados, e se concentram as faixas etárias jovens) e a especificidades que se relacionam mais directamente com as culturas urbanas, tomadas aqui no sentido que lhe é dado por Carlos Fortuna (1997:3), isto é, "como conjunto específico de práticas, mentalidades e estilos de vida que se forjam, comunicam e reproduzem na cidade". São estes modos e estilos de vida, valores e práticas sociais que dão origem à constituição de procuras específicas e alimentam os círculos e as redes informais que caracterizam os mundos da produção e da criação cultural mais especializados, artesanais ou vanguardistas.

Por último, outros efeitos prendem-se com as estratégias de valorização e apropriação das produções simbólico-culturais para efeitos de legitimação e (auto) representação do poder político (e que Santos Silva (1994) denomina de cultura de representação), e com as actuais estratégias de maximização da cultura como instrumento nos processos de transformação e reconversão do

---

2 Referimo-nos a algumas das reflexões desenvolvidas em conjunto com Carlos Fortuna e Claudino Ferreira e apresentadas em texto anterior (cf. Fortuna, Ferreira e Abreu, 1999), bem como a anotações produzidas a propósito das práticas e consumos de música(s) (cf. Abreu, 2000).

tecido urbano, na atracção de fluxos económicos e sociais, na produção do *marketing* urbano por parte da autarquias.

Todas estas condições geram o que alguns autores têm vindo a designar por efeito de meio (Pedro Costa, 1999) e ajudam a perceber a particular associação da esfera da cultura (ou da fileira das actividades culturais) e, em particular, dos seus segmentos mais especializados (de produções, distribuições e consumos) aos espaços das cidades.

### As cidades e os públicos da cultura

O percurso que fizemos até aqui permite-nos, agora, defender a importância das abordagens que tomam os contextos urbanos como objecto privilegiado de observação das práticas culturais. Sobre tudo aquelas que permitem análises comparadas entre diferentes espaços urbanos ou cidades distintas.

De facto, é no contexto de análises geograficamente situadas e comparáveis que podemos discutir de forma mais rigorosa as configurações de práticas culturais: identificando o que é transversal, resultante de factores estruturais, associados a distribuições desiguais de recursos e capacidades segundo lógicas que se sobrepõem às organizações espaciais; e distinguindo o que é particular e pode remeter para a estruturação e a dinâmica dos ambientes culturais locais (Silva e outros, 1998a).

É essa análise que nos propomos desenvolver a partir de agora, tomando por referência empírica os dados produzidos no âmbito de dois projectos de investigação, desenvolvidos no Centro de Estudos Sociais e que tiveram por objecto dinâmicas e culturas urbanas, práticas e representações culturais e imagens em cinco cidades do norte e centro litoral do país. A sua execução envolveu, entre outras coisas, a aplicação de um Inquérito às Práticas Culturais dos Residentes nas Cidades de Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto e a realização de um Observatório de Actividades Culturais nas Cinco Cidades, durante o ano de 1998, com os objectivos de identificação dos principais equipamentos e serviços culturais de base, dos acontecimentos e das actividades culturais mais relevantes, bem como dos seus operadores culturais.<sup>3</sup>

Em causa estava a tentativa de identificação dos perfis de práticas culturais em contextos urbanos, sobre os quais seria também possível estabelecer um perfil mínimo sobre a oferta cultural.

A escolha destas cidades obedeceu a razões pragmáticas (de proximidade física e de acumulação de conhecimentos anteriormente produzidos), mas também a alguns critérios que se relacionam com a sua dimensão média ou estatuto intermédio (isto é, de cidades que não são por definição pólos nacionais, que procuram e disputam a afirmação no plano regional e nacional e para as quais a cultura assume um valor estratégico importante) e com o facto de serem cidades em crescimento, com pólos universitários importantes (sendo Guimarães o exemplo mais débil, por acolher apenas o pólo tecnológico da Universidade do Minho) e relativamente às quais o Porto permitiria efeitos de comparação.

É evidente que o primeiro confronto desta perspectiva sobre o urbano deriva, precisamente, do seu enquadramento empírico. Saber onde “acaba” uma cidade não é um problema novo, e uma das características das cidades consiste justamente na sua dinâmica de crescimento, e portanto, de permanente redefinição de limites, a que as recentes análises sobre os fenómenos de

3 Os resultados globais dos referido inquérito encontram-se publicados no n.º 146 da *Oficina do Ces* (Santos e outros, 1999), tendo sido elaborados relatórios parciais sobre os casos do Porto e de Aveiro (Silva e outros, 2000 e Santos e outros, 1998), entregues às respectivas Câmaras Municipais. Uma síntese dos resultados do Observatório de Actividades Culturais poderá encontrar-se em texto a publicar brevemente (Silva, 2000).

metropolização e “metapolização” (François Ascher, 1998) vêm trazer interessantes contributos. Mas a riqueza da poderosa imbricação de factores na definição das cidades e das suas áreas de influência e interdependência não pode seguir sem a procura de delimitações territoriais no seu seio. Em Portugal, não há critérios consensuais sobre a delimitação das cidades, e quando elas não coincidem com os concelhos (o que apenas acontece no Porto), as barreiras tornam-se extremamente imprecisas, até porque as lógicas de apropriação urbana dos espaços reflectem dificuldades de regulação e de planificação dos centros urbanos.

Mas essa imprecisão de limites não releva apenas da ausência de critérios rigorosos. À excepção do Porto, a relação daquelas cidades com as áreas envolventes arrasta fortes ambivalências, onde marcas urbanas (de cultura e de recomposição social e económica) se mesclam com profundas marcas rurais. A realidade da cidade confunde-se frequentemente com a realidade do concelho, ao mesmo tempo que se ensaiam formas de projecção externa e de relações intercidades de carácter especificamente urbano, denotando fraco enraizamento local e regional. Do ponto de vista dos seus operadores culturais, essa ambivalência verifica-se quer no âmbito dos projectos privados, quer das políticas públicas municipais. Entre dimensões artísticas e dimensões de animação, intervenção e democratização; entre a cultura como emblema e recurso simbólico, e a cultura como patrimonialização estruturante e universalizante — sobressaem debilidades nas estruturas locais de oferta e de política cultural, e nas formas como se assumem parcerias ou protagonismos (Augusto Santos Silva, 1995).

Estas dificuldades impuseram uma estratégia empírica de delimitação alargada das malhas urbanas (com excepção do Porto, relativamente ao qual os problemas se colocam de outra forma, isto é, pela imposição de limites que contrariam a continuidade da mancha urbana para além das margens do concelho) que aconselha alguns cuidados na leitura de algumas diferenciações.<sup>4</sup>

As cinco cidades que agora tomamos por referência<sup>5</sup> confirmam, grosso modo, modificações estruturais das sociedades actuais e, em particular, de Portugal: tendências positivas de qualificação socioprofissional e escolar das populações, configurando uma recomposição em torno das classes médias, com crescente importância das fracções que combinam recursos escolares e técnico-profissionais; e de tendências de reconfiguração económica em torno do terciário de serviços. Para este processo contribuirá o facto de todas elas acolherem pólos universitários importantes (que em Guimarães assume apenas o estatuto de pólo da Universidade do Minho, parecendo, até agora, funcionar sem autonomia e sem efeitos visíveis na cidade), embora a dimensão das respectivas populações universitárias, e o carácter mais ou menos longo da sua existência, possam introduzir alguma variabilidade nos seus efeitos.<sup>6</sup>

Se essas modificações são partilhadas pelas cinco cidades, as dimensões das respectivas populações, que a figura 12.1 apresenta, dão conta da distância que separa as aglomerações: a população do Porto equivale a mais de metade do conjunto das cinco cidades: 251 mil habitantes, para 82 mil em Coimbra, 74 mil em Braga, 49 mil em Guimarães e 37 mil em Aveiro.<sup>7</sup>

Esta hierarquia de dimensões não se reproduz, contudo, no que se refere à composição

4 Nos estudos referidos, utilizámos uma delimitação em malha larga, combinando a classificação do INE sobre as freguesias nacionais (em urbanas, semiurbanas e rurais — INE, 1996), a lista de códigos postais (de 1994), e as indicações dos gabinetes de planeamento urbanos das respectivas câmaras.

5 Entre elas, o Porto e Braga haviam já sido objecto de estudo recente, no âmbito do Estudo Estratégico das Cidades do Eixo Atlântico, realizado entre 1993 e 1995. cf., para análises a partir de alguns resultados, Augusto Santos Silva, 1995 e Augusto Santos Silva e outros, 1998a.

6 Por exemplo, através do modo de inserção no espaço da cidade: em Braga e Aveiro, a universidade localizou-se segundo *campus*, ao contrário de Coimbra e Porto, onde se dissemina no interior das cidades.

7 *Recenseamento Geral da População*, 1991.

social daquelas cidades — que, se assim fosse, deveria percorrer ordem similar, do Porto a Coimbra, Braga, Guimarães e Aveiro —, nem os seus efeitos na qualificação cultural das populações a reproduzem fielmente (cf. quadro 12.1 e figura 12.1). De facto, naquele contexto, Coimbra apresenta-se como a cidade onde são mais visíveis as marcas de qualificação e terciarização da sua população activa (que o inquérito venceu, com alguma sobre-representação) e onde, correlativamente, a proporção da população com instrução de nível superior é também maior. Guimarães surge, nestes indicadores, como a cidade menos favorecida.

Do ponto de vista da dotação em equipamentos, dos protagonistas culturais, e das implicações políticas na cultura, o Porto destaca-se neste quadro de cidades. Mas convém realçar esta posição de centralidade cultural para, tal como anteriormente referimos, a assimilar a efeitos de polarização diversos que reflectem (e por isso relativizam) o modo como, no conjunto das cidades a que nos referimos, todas as assimetrias são favoráveis ao Porto, sejam elas de que tipo forem (económico-financeiras, político-administrativas, socioculturais...)<sup>8</sup>.

Os resultados do inquérito, no que diz respeito às práticas e aos públicos culturais, traduzem, de um modo geral, as tendências dominantes, já reveladas por outros trabalhos (e identificadas na primeira parte do texto): à medida que nos afastamos das formas culturais massificadas (cujo ícone fundamental é a televisão) e se aperta o círculo das formas culturais “nobres”, restringem-se e sobreseleccionam-se os gostos, os praticantes e os públicos, mesmo dentro das categorias que, sociologicamente, apresentam características de selecção social (escolarizadas, jovens, profissionalmente qualificadas). O quadro que apresentamos dá uma ideia grosseira do afunilamento da disseminação de algumas práticas que o inquérito cobria — nomeadamente, a leitura de livros e de imprensa (principalmente semanários), as saídas culturais (cinema, música, teatro, e exposições de artes), a prática de actividade cultural amadora... e permite observar como a penetração da cultura de massas se limita, mesmo em contextos urbanos, à hegemonia transversal dos media audiovisuais clássicos (televisão e rádio).

A recorrência estatística destas tendências impõe uma primeira leitura que confirma a importância do espaço doméstico e da relação com os bens e serviços produzidos pelas indústrias culturais e, em particular, pela indústria dos *media*. Todavia, um olhar mais atento sobre os dados obriga-nos a reconhecer outras dimensões da espacialização das práticas culturais, interrogando-nos sobre as diferenciações por elas introduzidas entre as cidades aqui em análise.

A primeira dessas dimensões diz respeito à relevância (estatística, mas não só) das “práticas de saída”, frequentemente marcadas pelos círculos de sociabilidade mais próximos, mas orientadas para a frequência de espaços públicos de lazer, diversão e consumo (os parques, as zonas comerciais, as áreas de diversão nocturna, os centros das cidades...). O alargamento destas práticas tem sido interpretado como sintomático dos processos de desagregação do espaço público, manifestação do avanço ou prolongamento do privado sobre o público, constituindo uma espécie de segundo círculo da “cultura doméstica” e ignorando a sua correlação com as transformações que o(s) próprio(s) espaço(s) público(s) e a oferta cultural têm vindo a sofrer, nomeadamente em contextos urbanos.

Contudo, e na nossa perspectiva, as “práticas de saída” não podem ser entendidas como práticas vazias de conteúdo, definidas apenas por funções de intermediação entre o privado e o público. Elas convocam actividades, significados e espacialidades que se têm revelado importantes nos processos de constituição e renovação de redes locais de interacção, na mediação de

8 Cf. Augusto Santos Silva, 1995 e 1998a. Para uma recente panorâmica avaliativa das políticas culturais em Portugal, *vd.* Maria de Lourdes Lima dos Santos (org.), 1998.

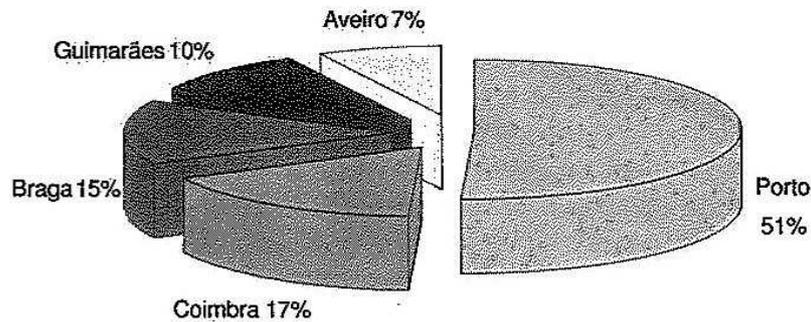


Figura 12.1 População das cinco cidades (em %)

processos identitários e na formação de estilos de vida, de que as “culturas juvenis” são o exemplo mais flagrante. E sob outra perspectiva, elas reflectem uma maior e mais diversificada oferta urbana de serviços e actividades de natureza lúdica e cultural, e a sua importância obriga a considerar os “novos” espaços públicos urbanos onde têm lugar privilegiado.

A segunda das dimensões distingue as espacialidades das “saídas culturais”, nomeadamente das “saídas juvenis”, orientadas para o que poderíamos chamar de eixo da cultura *pop* (o cinema, os bares e as discotecas, os espectáculos de música *pop/rock*, as exposições de fotografia...) e da clássica “cultura de saídas”, orientada para a frequência de equipamentos e a participação em acontecimentos e actividades culturais mais próximos do pólo erudito (exposições de pintura e escultura, os concertos de música clássica ou *jazz*, o teatro, ...). A diferenciação dos dois pólos implica o reconhecimento da limitada penetração da cultura de massas, limitada à televisão e à rádio, e o amplo campo de expansão que as indústrias culturais e de lazer ainda dispõem (e que frequentemente depende da implantação local de equipamentos e de serviços de distribuição) quer junto dos públicos mais jovens, quer dos mais qualificados.

Qualquer das dimensões referidas permite um olhar mais atento sobre as cinco cidades (ver quadro 12.2), antecipando diferenciações que se esperariam beneficiar a centralidade do Porto, condensadora de efeitos históricos de aglomeração, externalidades e cultura urbana dificilmente discutíveis. Mas tal não parece verificar-se, pelo menos no tocante à qualificação cultural dos públicos — como, aliás, também não o era a sua composição social.

A forte correlação com as características sociais dos inquiridos favorecerá, à partida, Coimbra. O que, em certas práticas, veio a verificar-se — a leitura de semanários, ou a leitura de livros, por exemplo. Mas encontrámo-las também em Aveiro; embora, se tomarmos por referência a penetração do jornal *Expresso*, ela se apresente extremamente elevada em Coimbra e Braga: 74 e 77% entre os leitores de semanários, respectivamente (enquanto em Aveiro e Porto se registaram 51%; e em Guimarães 24%).

Este exemplo tendencialmente distintivo permite ilustrar a relevância das determinantes sociológicas tradicionalmente associadas ao consumo de bens culturais (que poderíamos multiplicar com a referência a várias outras práticas), de efeitos transversais e com variações que reflectem primeiramente as diferentes composições sociais das cinco cidades.

Um olhar, ainda que breve, sobre as “práticas de saída”, com forte componente de sociabilidade convivial, permite dar conta da importância que alguns novos espaços das cidades têm vindo a revelar como espaços urbanos de intensa frequência e apropriação pública (referimo-nos aos espaços comerciais, às zonas históricas ou às áreas de diversão e lazer), em simultâneo,

**Quadro 12.1** Práticas culturais dos residentes em Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto (%)

Vê TV todos os dias/ quase todos os dias	88	No último mês, foi pelo menos uma vez:	No último ano, foi pelo menos uma vez a:		
Ouve rádio regularmente	71	Ao cinema	30	Um museu de arte	23
Costuma ler um/vários:		A uma discoteca	25	Um concerto de música moderna	22
Jornais diários	62	A um bar com música ao vivo	31	Um concerto de música clássica	11
Jornais semanários	22	A um café/esplanada	84	Um concerto de jazz	5
Jornais desportivos	31	Passear num centro comercial	79	Um concerto de música ligeira	23
Revistas	56	Passear no centro da cidade	82	Um festival de folclore	26
Leu um/vários livros, no último mês	20	Passear no campo	49	Uma exposição de pintura	26
Compra regularmente discos	29	Passear num parque	51	Uma exposição de fotografia	19
Pratica regularmente uma actividade física	22	Jantar/almoçar em grupo	79	Um espectáculo de teatro	22
Tira fotografias	47	A casa de familiares	88	Uma feira de artesanato	44
Pratica uma actividade cultural amadora	6	A casa de amigos	80		
		A um jogo de futebol	26		

algumas dessas “práticas de saída servem para dar conta de *nuanças* que relevam das diferenciais densidades urbanas, caracterizadoras das cinco cidades consideradas e das respectivas relações com os espaços envolventes.”<sup>9</sup>

Passear no centro da cidade, num centro comercial ou ir a um café ou esplanada tornaram-se práticas habituais para uma grande parte dos cidadãos. E, embora reconheçamos as dificuldades de avaliar os significados destas práticas, ou mesmo a ambiguidade das lógicas e processos que organizam estes espaços, parece-nos evidente que a sua relevância sugere análises mais circunstanciadas, atentas quer aos processos de regulação que neles se cruzam e às segmentações sociais que ocorrem, quer às dinâmicas de proximidade ou contaminação entre cultura e lazer, entretenimento e informação. Tanto mais quanto a frequência de eventos públicos que ocupam regularmente alguns destes espaços (estamos a falar, por exemplo, das festividades promovidas pelas autarquias: festas das cidades; festivais ou animações de Verão; ou mesmo acontecimentos como as feiras do livro) mobilizam também um número importante de pessoas.

Já os passeios no parque ou no campo são actividades que evocam diferentes sentidos do urbano (ou das “culturas urbanas”) e percepções distintas das continuidades entre espaços urbanos e não urbanos, em cada uma das cidades consideradas. As menores taxas de frequência reveladas por conimbricenses e portuenses remeterão, genericamente, para representações dos “passeios” em ambientes mais urbanizados, possivelmente mais referenciados aos centros comerciais do que aos espaços “naturais”. E o seu maior significado em Aveiro e Guimarães (como também em Braga) poderá evocar uma relação de proximidade e permeabilidade com os espaços rurais que espreitam o centro das cidades. As feiras de artesanato ou os festivais de folclore prolongarão ainda essas representações para a estrutura da oferta — no sentido em que,

<sup>9</sup> Sobre uma reflexão mais extensa acerca destes espaços e da sua relação com as práticas de saída *vd.* Fortuna, Ferreira e Abreu, 1999.

por exemplo, em Aveiro, a feira de artesanato anual constitui um elemento nodal da oferta cultural da cidade, o que não acontece no Porto (onde se realiza mais do que uma feira do género).

Por último, um olhar mais atento sobre cada uma das cidades ilustra especificidades nas “saídas culturais”, que nem sempre revelam a sobreposição das lógicas das hierarquias culturais e das hierarquias das cidades que, de acordo com observações complementares sobre a oferta cultural urbana, reflectem não apenas os “efeitos de meio”, mas reenviam para dinâmicas inerentes à (infra) estruturação dos “ambientes e mercados culturais locais”.

Assim, os indicadores relativos às “saídas culturais” revelam uma cidade do Porto que, à excepção do cinema, em nada se destaca das restantes cidades (com taxas que, na sua generalidade, ficam aquém das observadas nas outras cidades). E Aveiro serve-nos para mostrar como a declaração de frequência de concertos de música clássica (pelo menos uma vez no ano de referência) é a mais elevada das cinco cidades (15% dos inquiridos) — e vai diminuindo por Coimbra (12%), Guimarães (11%), Porto (10%) e Braga (9%). Coimbra, por seu lado, mostra os traços de uma “cultura juvenil” revelados na mais elevada declaração de frequência de concertos de música moderna (música *pop/rock*): 34% (que em Aveiro, Braga e Guimarães ficam entre os 27 e os 25%, respectivamente; e no Porto desce para 15%); ou ainda de frequência de exposições de fotografia: 30% (23% em Aveiro e Braga, 20% em Guimarães e 12% no Porto).

Mas o inquérito por questionário é, como sabemos, uma técnica rígida, e por isso extremamente exigente em termos de construção e de aplicação, vulnerabilizando as relações de inquirição às descodificações sociais que os inquiridos produzem acerca do que lhes é questionado — o sentido de uma “feira de artesanato” não será o mesmo em Guimarães, Aveiro, ou Coimbra; do mesmo modo, a referência a lógicas de hierarquização e diferenciação artística e cultural tende a produzir efeitos de halo, que correspondem a aproximações das respostas às percepções julgadas convenientes.

Por outro lado, as modalidades pelas quais se estruturam localmente as ofertas e as procuras não decorrem apenas de lógicas próprias do campo cultural — os espaços e os agentes locais, em cada caso, contribuirão para alargar ou criar públicos, ou, pelo contrário, para reproduzir barreiras de acesso. No caso do Porto, este inquérito não abrange a Área Metropolitana, que é o espaço por excelência do seu campo de acção e relação, escondendo que, não apenas em termos culturais e de lazer, como também dos movimentos quotidianos de trabalho e serviços, as assimetrias a favor do Porto continuam enormes, apesar de denotarem sinais de atenuação, cujos efeitos estão ainda longe de poderem ser medidos. Nas restantes cidades, a relação dos centros urbanos com os seus concelhos envolventes é de outra ordem, porventura simultaneamente mais polarizada, mais permeabilizada e com outro tipo de relações de proximidade identitária.

O caso da música clássica, que utilizámos, pode ser ilustrativo: mais uma vez, a maior, mais regular e mais qualificada oferta de espectáculos e concertos encontra-se no Porto (onde existe uma escola superior de música e artes do espectáculo), mas não se reflecte na procura declarada. Efeitos de diversidade de oferta? Diminuição dos “efeitos de halo”, perante novas formas de cultura e de lazer? Um pouco, provavelmente. Mas sobretudo será no contexto e no ambiente de cada cidade que temos de procurar explicações. Neste caso concreto, Aveiro é uma cidade que apresenta alguns traços de um “ambiente musical peculiar” (embora, não com o mesmo significado do Porto): não só é a capital de um dos distritos com maior número de Bandas Filarmónicas (existindo duas nas freguesias da cidade, uma das quais com uma centena de anos),<sup>10</sup>

10 De acordo com os dados revelados por Salwa Castelo Branco e Maria João Lima (1998), o distrito de Aveiro é, com Lisboa, o distrito do continente onde existe um maior número de Bandas Filarmónicas.

**Quadro 12.2** Taxas de práticas, segundo a cidade de residência (% sobre o total de inquiridos)

Aveiro	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	84	No último mês, foi pelo menos uma vez:	No último ano, foi pelo menos uma vez:		
	Ouve rádio regularmente	73	Ao cinema	24	Um museu de arte	29
	Costuma ler um/vários:		A uma discoteca	20	Um concerto de música moderna	27
	Jornais diários	59	A um bar com música ao vivo	30	Um concerto de música clássica	15
	Jornais semanários	31	A um café/esplanada	89	Um concerto de jazz	7
	Jornais desportivos	29	Passear num centro comercial	76	Um concerto de música ligeira	23
	Revistas	68	Passear no centro da cidade	85	Um festival de folclore	31
	Leu um/vários livros, no último mês	28	Passear no campo	54	Uma exposição de pintura	37
	Compra regularmente discos	40	Passear num parque	58	Uma exposição de fotografia	23
	Pratica regularmente uma activ. física	25	Jantar/almoçar em grupo	77	Um espectáculo de teatro	20
	Tira fotografias	53	A casa de familiares	89	Uma feira de artesanato	67
	Pratica uma actividade cultural amadora	10	A casa de amigos	85		
			A um jogo de futebol	23		
Braga	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	85	No último mês, foi pelo menos uma vez:	No último ano, foi pelo menos uma vez:		
	Ouve rádio regularmente	74	Ao cinema	28	Um museu de arte	27
	Costuma ler um/vários:		A uma discoteca	28	Um concerto de música moderna	26
	Jornais diários	63	A um bar com música ao vivo	24	Um concerto de música clássica	9
	Jornais semanários	20	A um café/esplanada	89	Um concerto de jazz	6
	Jornais desportivos	31	Passear num centro comercial	78	Um concerto de música ligeira	26
	Revistas	61	Passear no centro da cidade	87	Um festival de folclore	37
	Leu um/vários livros, no último mês	21	Passear no campo	51	Uma exposição de pintura	31
	Compra regularmente discos	28	Passear num parque	57	Uma exposição de fotografia	23
	Pratica regularmente uma activ. física	26	Jantar/almoçar em grupo	71	Um espectáculo de teatro	16
	Tira fotografias	41	A casa de familiares	85	Uma feira de artesanato	47
	Pratica uma actividade cultural amadora	9	A casa de amigos	74		
			A um jogo de futebol	24		
Coimbra	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	86	No último mês, foi pelo menos uma vez:	No último ano, foi pelo menos uma vez:		
	Ouve rádio regularmente	65	Ao cinema	27	Um museu de arte	26
	Costuma ler um/vários:		A uma discoteca	35	Um concerto de música moderna	34
	Jornais diários	69	A um bar com música ao vivo	34	Um concerto de música clássica	12
	Jornais semanários	31	A um café/esplanada	81	Um concerto de jazz	8
	Jornais desportivos	34	Passear num centro comercial	75	Um concerto de música ligeira	25
	Revistas	63	Passear no centro da cidade	77	Um festival de folclore	33
	Leu um/vários livros, no último mês	27	Passear no campo	49	Uma exposição de pintura	36
	Compra regularmente discos	31	Passear num parque	45	Uma exposição de fotografia	30
	Pratica regularmente uma activ. física	24	Jantar/almoçar em grupo	75	Um espectáculo de teatro	33
	Tira fotografias	43	A casa de familiares	82	Uma feira de artesanato	54
	Pratica uma actividade cultural amadora	4	A casa de amigos	82		
			A um jogo de futebol	33		
Guimarães	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	90	No último mês, foi pelo menos uma vez:	No último ano, foi pelo menos uma vez:		
	Ouve rádio regularmente	79	Ao cinema	18	Um museu de arte	22
	Costuma ler um/vários:		A uma discoteca	23	Um concerto de música moderna	25
	Jornais diários	49	A um bar com música ao vivo	28	Um concerto de música clássica	11
	Jornais semanários	26	A um café/esplanada	87	Um concerto de jazz	6
	Jornais desportivos	37	Passear num centro comercial	82	Um concerto de música ligeira	29
	Revistas	54	Passear no centro da cidade	87	Um festival de folclore	38
	Leu um/vários livros, no último mês	21	Passear no campo	57	Uma exposição de pintura	26
	Compra regularmente discos	28	Passear num parque	61	Uma exposição de fotografia	20
	Pratica regularmente uma activ. física	31	Jantar/almoçar em grupo	72	Um espectáculo de teatro	15
	Tira fotografias	45	A casa de familiares	90	Uma feira de artesanato	60
	Pratica uma actividade cultural amadora	8	A casa de amigos	78		
			A um jogo de futebol	25		

Porto			No último mês, foi pelo menos uma vez	No último ano, foi pelo menos uma vez:	
	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	89	No último mês, foi pelo menos uma vez		
	Ouve rádio regularmente	70	Ao cinema	55	Um museu de arte
	Costuma ler um/vários:		A uma discoteca	23	Um concerto de música moderna
	Jornais diários	63	A um bar com música ao vivo	32	Um concerto de música clássica
	Jornais semanários	18	A um café/esplanada	83	Um concerto de jazz
	Jornais desportivos	30	Passear num centro comercial	80	Um concerto de música ligeira
	Revistas	51	Passear no centro da cidade	81	Um festival de folclore
	Leu um/vários livros, no último mês	17	Passear no campo	45	Uma exposição de pintura
	Compra regularmente discos	27	Passear num parque	47	Uma exposição de fotografia
	Pratica regularmente uma activ. física	17	Jantar/ almoçar em grupo	84	Um espectáculo de teatro
	Tira fotografias	50	A casa de familiares	91	Uma feira de artesanato
	Pratica uma actividade cultural amadora	5	A casa de amigos	81	
			A um jogo de futebol	26	

**Quadro 12.3** Grupos socioeconómicos por concelho, segundo o Recenseamento de 1991

	Aveiro		Braga		Coimbra		Guimarães		Porto		Total	
	V. A.	%	V. A.	%	V. A.	%						
Empresários	1.157	3,6	2.716	4,0	2.172	3,3	2.890	3,5	7.724	5,4	16.659	4,3
Pequenos patrões	1.504	4,7	3.004	4,5	2.886	4,4	2.477	3,0	7.101	4,9	16.972	4,3
Prof. liberais e técnicos intermédios indep.	238	0,7	417	0,6	582	0,9	309	0,4	1.956	1,4	3.502	0,9
Trab. da ind., artes., com. e serviços indep.	2.434	7,6	3.343	5,0	3.480	5,3	3.546	4,3	5.288	3,7	18.091	4,6
Agricultores independentes	996	3,1	757	1,1	866	1,3	1.064	1,3	72	0,1	3.755	1,0
Directores, quadros do Estado e empresas	353	1,1	839	1,2	664	1,0	761	0,9	3.229	2,2	5.846	1,5
Quadros superiores e intermédios	5.040	15,8	9.546	14,2	16.157	24,7	4.831	5,9	29.080	20,2	64.654	16,6
Encarregados e capatazes	266	0,8	453	0,7	366	0,6	1.305	1,6	620	0,4	3.010	0,8
Empregados administrativos	6.792	21,3	12.480	18,5	15.161	23,2	10.099	12,3	41.477	28,9	86.009	22,0
Operários	7.838	24,5	23.697	35,2	11.451	17,5	43.934	53,5	25.123	17,5	112.043	28,7
Assalariados agrícolas	264	0,8	542	0,8	364	0,6	881	1,1	271	0,2	2.322	0,6
Trabalhadores não qualificados	4.456	13,9	8.159	12,1	9.314	14,3	9.120	11,1	18.754	13,1	49.803	12,8
Forças Armadas	256	0,8	485	0,7	628	1,0	315	0,4	916	0,6	2.600	0,7
Outros activos	356	1,1	923	1,4	1.245	1,9	549	0,7	2.012	1,4	5.085	1,3
<b>Total</b>	<b>31.950</b>	<b>100,0</b>	<b>67.361</b>	<b>100,0</b>	<b>65.336</b>	<b>100,0</b>	<b>82.081</b>	<b>100,0</b>	<b>143.623</b>	<b>100,0</b>	<b>390.351</b>	<b>100,0</b>

Fonte: INE, *Recenseamento Geral da População*, 1991.

como dispõe de um conservatório regional que revela forte articulação com essas instituições; e a Universidade administra um curso superior de ensino da música e possui um departamento de comunicação e arte que desenvolve programação regular de espectáculos de música e é responsável pela organização de duas edições de umas *Jornadas da Nova Música*. A cidade acolhe ainda uma das duas orquestras regionais existentes no país — a *Filarmonia das Beiras* (cuja actividade tem vindo a incluir a realização de um concerto mensal na cidade). Por seu

lado, Coimbra é conhecida pelos seus estudantes e pelas suas festividades académicas, nas quais a música moderna é um ingrediente recorrente (e possui uma Rádio Universitária — a RUC — reconhecida pelo seu empenhamento na programação de música *rock e pop*, nomeadamente portuguesa e dos chamados circuitos independentes). E é nessa mesma cidade que há 18 anos se realizam os *Encontros de Fotografia*, uma dos primeiros e mais importantes eventos de fotografia no nosso país.

### Para finalizar

O registo generalista que adoptámos ao longo do texto permitiu-nos assinalar mais do que demonstrar a importância da multiplicação de escalas de abordagem e de referências a contextos geográficos específicos em que se desenrolam as práticas culturais a fim de densificar o conteúdo e o sentido das análises.

Em Portugal, no campo do que poderíamos designar por “estudos culturais”,<sup>11</sup> a produção tem aumentado nos últimos anos (provavelmente não alheia à afirmação de centralidades urbanas e culturais), indiciando-se vários trabalhos que exploram uma relação mais próxima e densa entre espacialidades e práticas culturais (entendidas aqui num sentido abrangente, como actividades de produção, de distribuição ou consumo). Mas muito se encontra ainda por fazer, nomeadamente no que diz respeito à exploração teórico-empírica dos mecanismos de aproximação, sobreposição ou distanciamento entre os distintos círculos da prática cultural — os círculos doméstico, das “práticas de saída”, das saídas culturais juvenis ou clássicas... e os contextos geográficos e espaciais em que eles ganham forma.

O pressuposto das relações privilegiadas entre “cidades” e “centralidades culturais” ajuda a equacionar uma estratégia de aproximação a outras unidades de observação e análise. Mas o sentido dessas relações não deve ser tomado como único ou sequer circular. É preciso remeter as cidades às suas escalas e contextos, e precisar as centralidades. Talvez por isso valha a pena chamar a atenção para o facto de a “cultura”, especialmente aquela que se situa fora dos circuitos mediatizados e industrializados, não ser uma “externalidade natural da centralidade”. E sobre os públicos culturais, reconhecer que partilham traços estruturais que os identificam mutuamente como urbanos (jovens, escolarizados e qualificados), mas que as próprias culturas urbanas distinguem, revelando variações de (frágeis) fidelidades que os mercados e ambientes culturais locais vão modelando.

### Referências bibliográficas

- Abreu, Paula (2000), “Práticas e consumos de música(s): ilustrações sobre alguns novos contextos da prática cultural”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 56.
- Ascher, François (1998), *Metapolis. Acerca do Futuro da Cidade*, Oeiras, Celta.
- Branco, Salwa Castelo e Maria João Lima (1998), “Práticas musicais locais: alguns indicadores preliminares”, *OBS*, 4, Outubro, pp. 10-13.
- Costa, Pedro (1999), “Efeito de ‘meio’ e desenvolvimento urbano: o caso da fileira da cultura”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 29, pp. 127-149.

11 Numa acepção simplista, designadora dos trabalhos desenvolvidos no domínio vago e amplo da sociologia da cultura e, portanto, distante da expressão anglófona de *Cultural Studies*.

- Fortuna, Carlos (1997), "Introdução. Sociologia, cultura urbana e globalização", *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de Sociologia*, pp. 1-28, Oeiras, Celta.
- Fortuna, Carlos; Claudino Ferreira e Paula Abreu (1999), "Espaço público urbano e cultura em Portugal", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52/53, pp. 85-117.
- INE (1996), *Relatório Sobre os Conceitos de: Urbano, Semi-Urbano e Rural*, Lisboa, INE, DCI/Serviço de Coordenação.
- Santos, Helena; Margarida Lima de Faria e Paula Abreu (1998), *Hábitos Culturais e Práticas de Lazer da População do Concelho de Aveiro. Resultados de um Inquérito*, Coimbra, Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra/Faculdade de Economia da Universidade do Porto.
- Santos, Helena; Paula Abreu; Augusto Santos Silva; Felícia Luvumba; Carlos Fortuna; Claudino Ferreira e Paulo Peixoto (1999), "Consumos culturais em cinco cidades: Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto", *Oficina do CES*, 146, Novembro.
- Santos, Maria de Lourdes Lima dos (org.) (1998), *As Políticas Culturais em Portugal: Relatório Nacional. Programa Europeu de Avaliação das Políticas Culturais Nacionais*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- Silva, Augusto Santos (1994), *Tempos Cruzados. Um Estudo Interpretativo da Cultura Popular*, Porto, Edições Afrontamento.
- Silva, Augusto Santos (2000), "A dinâmica cultural das cidades médias: uma sondagem do lado da oferta", em Augusto Santos Silva e Carlos Fortuna (orgs.), *O Projecto e a Circunstância. Culturas Urbanas em Portugal*, Porto, Edições Afrontamento.
- Silva, Augusto Santos e Helena Santos (1995\*), *Prática e Representação das Culturas: Um Inquérito na Área Metropolitana do Porto*, Porto, Centro Regional de Artes Tradicionais.
- Silva, Augusto Santos (1995b) "Políticas culturais municipais e animação do espaço urbano: uma análise de seis cidades portuguesas", Maria de Lourdes Lima dos Santos (org.), *Cultura & Economia. Actas do Colóquio Realizado em Lisboa, 9-11 de Novembro de 1994*, Lisboa, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 253-270.
- Silva, Augusto Santos; Elisa Babo; Helena Santos e Paula Guerra, (1998a) "Agentes culturais e públicos para a cultura: alguns casos de uma difícil relação", *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 18, pp. 67-105.
- Silva, Augusto Santos; Felícia Luvumba; Helena Santos e Paula Abreu (2000), *Públicos Para a Cultura, na Cidade do Porto*, Porto, Edições Afrontamento/Câmara Municipal do Porto.